

EDITORIAL

A Revista Educação e Filosofia teve, no último semestre de 2006, duplo motivo para comemoração. O primeiro pelos 20 anos ininterruptos de publicação da Revista. Este fato mereceu atenção especial da Diretoria e do Conselho Editorial da Revista com o lançamento do selo comemorativo aos vinte anos no número 40, além de estar programado para julho um evento junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFU, oportunidade na qual iremos coroar os trabalhos alusivos aos 20 anos da Revista.

O segundo ponto que merece nosso destaque e que, acreditamos, de importância ímpar na história tanto da Revista Educação e Filosofia, como do Departamento de Filosofia e da própria Universidade Federal de Uberlândia, é a recomendação do Programa de Pós-Graduação em Filosofia pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Após extenso processo de análise e avaliação, a recomendação ocorreu em 14 de julho de 2006 e coroa, com todos os adjetivos possíveis, o processo de adensamento das pesquisas na área de Filosofia da UFU que se iniciaram com a criação do Departamento de Filosofia em 1987 e foi se consolidando com o Curso de Filosofia, este em funcionamento desde 1994.

Tendo como área de concentração Filosofia Moderna e Contemporânea e duas linhas articuladas em Filosofia Social e Política e Ética e Conhecimento, o Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFU nasce com um horizonte que, pela qualidade e seriedade do corpo docente e o respaldo administrativo da Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais, se configura de forma bastante positiva para a consolidação do Mestrado e a construção do projeto de Doutorado. Sabemos que isso é uma questão de tempo, e torcemos para que isto ocorra o mais breve possível.

Acreditamos que o Programa de Pós-Graduação em Filosofia irá contribuir de forma significativa e positiva para a Revista Educação e Filosofia. Trata-se, de fato, do estabelecimento de uma

relação dialógica e da construção de um campo plural e diverso entre essas instituições em que a troca de saberes e projetos se constituirá num caminho de fortalecimento de ambos. Nesse sentido, a proposta de publicação anual de um número especial da Revista Educação e Filosofia em que os Programas de Pós-Graduação em Educação e em Filosofia da UFU sejam co-responsáveis pela organização deve constituir-se num projeto a ser gestado e parido com muita atenção e responsabilidade, pois se tornará um veículo de vinculação e divulgação das pesquisas da pós-graduação, além de contribuir para o fortalecimento da Revista Educação e Filosofia.

Este número 41 da Revista Educação e Filosofia apresenta um aspecto interessante ao estabelecer um diálogo intrínseco entre educação e filosofia. Ora, esses campos do saber não são refratários entre si, mas, pelo contrário, tomam o fenômeno humano como tema plural e polissêmico. Como a educação é um fenômeno tipicamente humano, ou, segundo Hanna Harendt, a educação existe porque nascem pessoas, ela se constitui como um fenômeno de fronteiras. Com a metáfora do rio a educação, sem as margens que delimitam a densidade e a expansão do rio, é, ao contrário disso, uma zona aberta e fronteira para os múltiplos olhares possíveis sobre ela. Em oposição ao processo de fragmentação e superficialidade que essa zona aberta pode trazer para a educação, ela traz, sim, diversidade e riqueza de visadas e interpretações. O saber sobre a educação é rico porque é polissêmico e aberto aos diversos olhares sobre esse fenômeno tipicamente humano. Nesse sentido, este número 41 da Revista Educação e Filosofia não separa esses dois saberes, demarcando textos de Filosofia e textos de Educação, mas, condensando de forma homogênea a Filosofia e a Educação, apresenta texto que expressam a riqueza de diálogo possível entre esses dois saberes. Assim, a Filosofia tem algo a dizer sobre a Educação, como a Educação se constitui num tema privilegiado da Filosofia.

Nesse cenário, o número 41 da Revista Educação e Filosofia abre com o texto “Educação e democracia: um ensaio sobre o conceito de experiência em John Dewey” de autoria de Julia

Pinheiro Andrade. Nesta reflexão, a autora parte do conceito deweyano de experiência para pensar o processo de construção de uma sociedade democrática. Assim, ciência e estética constituem-se, segundo a autora, em interfaces possíveis para tornar todo e qualquer gesto humano uma encarnação de valores democráticos. Ainda para a autora, esse fundamento democrático que se constitui no *telos* da prática humana, emerge como um tema profícuo para as reflexões da Filosofia da Educação em torno de uma educação emancipatória e libertária.

A revista segue com o artigo “Educação e razoabilidade na teoria da justiça de Rawls”, de autoria de Sidney Reinaldo Silva. A sua reflexão parte da indagação: é a escola o espaço para que todos adquiram virtudes políticas? Essa indagação pode nos levar a debates inconclusos entre posições diversas dos teóricos da ética e dos princípios formativos do caráter humano. Dessa divergência no tocante à definição desses valores e princípios, pode emergir conflitos que comprometem a possibilidade do consenso. A escola é um dos espaços em que o conflito pode se instaurar, porém, o autor procura mostrar na sua reflexão, que o conceito de razoabilidade firmado por Rawls constitui-se numa chave importante para superar o conflito, já que aquilo que se ensina e como se ensina podem ser focados a partir desse conceito.

O terceiro artigo deste número da Revista Educação e Filosofia apresenta a concepção de educação na filosofia de Sêneca. Com o título “A educação senequiana”, José Joaquim P. Melo aponta que, para esse autor, a educação consistia na subordinação das tendências instintivas à razão. Para isso, a auto-educação se constitui no caminho, pois a sujeição dos instintos à razão é possível na medida em que o sujeito produz um conhecimento de si. Nesse horizonte, o autor apresenta dois eixos significativos na filosofia de Sêneca: o primeiro afirma que sabedoria e filosofia são realidades inseparáveis e, o segundo que a filosofia e a sabedoria fazem parte da substancialidade da educação.

A este texto, segue a reflexão de Ernesto Candeias Martins intitulado de “Epistemologia das práticas educativas: reconstruir o conhecimento pedagógico”. Neste texto, o autor apresenta o

problema de que a fundamentação epistemológica é carente diante da complexidade do mundo atual. Nesse sentido, constata-se a falta de um estatuto teórico mais adaptado a essas novas situações de práticas pedagógicas atuais. Nesse horizonte, o autor defende a concepção de que o futuro estará no equilíbrio entre a escola real e a escola virtual, exatamente porque a complexidade é real e virtual. Disso conclui-se que a escola hipertextual e criativa se transforme numa estrutura social baseada em redes, promotoras de inovação e criatividade nos alunos.

O quinto artigo deste número da Revista Educação e Filosofia é de autoria de *Claudia Fenerich* e tem como título *“É possível ensinar o certo e o errado?”* O opúsculo se propõe a encaminhar uma resposta à questão da possibilidade de se ensinar a virtude, questão esta posta pela filosofia socrático-platônica. Utilizando-se dos referenciais teóricos de Sócrates, Platão e Perelman e dos pressupostos gerais da teoria da argumentação, o artigo procede ao estabelecimento do confronto entre essa perspectiva e as duas visões filosóficas tradicionais, a essencialista e a relativista.

A Revista segue com o artigo *“Memórias de diretores: entre práticas e história do cotidiano escolar”*, dos autores João Pedro Pezzato, Joyce Mary Adam de Paula e Silva, Magali de Fátima Dias Borges e Maria Isabel Nogueira Tuppy. Utilizando-se da metodologia da história real, os autores produziram este artigo que consiste no registro de memórias de um diretor e de uma diretora que atuaram em escolas públicas de Minas Gerais. O objetivo foi captar suas representações sobre as práticas administrativas e pedagógicas rememoradas dos anos de exercício profissional, entre 1960 e 1990. A partir da aplicação dessa metodologia, os autores puderam observar que no período estudado havia uma política extremamente centralizada, cujas diretrizes eram difundidas pelos órgãos centrais da administração burocrática. Assim, a gestão da educação consistia, tão somente, no cumprimento das normas estabelecidas pelas políticas públicas de educação.

O artigo que se segue tem como título *“Saberes e poderes: proposições e provocações a partir da infância, da escola e da formação docente”* de César Donizetti Pereira Leite. Trata-se de

um texto de subversão dos modelos e de conceitos instituídos de escola, de infância e de formação docente. A partir do conceito de disciplina, o autor estabelece uma relação bastante interessante entre educação, escola, saber e poder. Ou seja, a ciência produz saberes/poderes instituídos no campo escolar. Trata-se, nesse caso, de uma máquina de guerra, no sentido deleuziano. Nesse cenário, o autor busca no cinema, na literatura e nas artes plásticas possibilidades de constituição de olhares transversais e não instituídos sobre o campo educativo que brota para além de um mero objeto do saber e muito mais como uma experiência existencial.

Este número da Revista Educação e Filosofia fecha com o artigo “Un tentativo di esplorazione dei molteplici nessi delle nozioni aristoteliche di giustizia e ingiustizia, vizio e virtù, tra piano etico e piano giuridico” de Arianna Fermani. O artigo objetiva apontar a multiplicidade de conexões entre o par justiça/virtude e injustiça/vício a fim de demonstrar a possibilidade de co-existência de diferenças contrárias no interior do texto de Aristóteles. Nesse sentido, segundo a autora, podemos entender como é possível um ato injusto, sob certa perspectiva, ser vício, e sob outra não ser.

Por fim, este número traz a tradução de um ensaio do filósofo alemão contemporâneo Günther Patzig, em que Lichtenberg, mais conhecido por seus aforismos céticos e bem-humorados, é apresentado como filósofo. Lichtenberg, cientista que viveu à época de Kant, interessou-se também por filosofia e literatura, sem adotar nenhum sistema e sem deixar nenhuma obra extensa. Seus escritos revelam, entretanto, um escritor reverenciado por muitos escritores e pensadores de seu tempo e dos séculos seguintes, bem como um precursor da atitude filosófica dos analíticos atentos à linguagem.

Agradecemos a todos, autores, pareceristas, técnicos e professores que contribuíram para a produção desse número da Revista Educação e Filosofia. É com a seriedade desse trabalho coletivo que a Diretoria e o Conselho Editorial consegue atingir a qualidade e a respeitabilidade que nossa Revista desfruta.

Prof. Dr. Márcio Danelon